

16

# المعلقات

## Os Poemas Suspensos

[AL-MUALLAQAT]

TRADUÇÃO DIRETA DO ÁRABE,  
INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
ALBERTO MUSSA

SBD-FFLCH-USP



269414

2006

→ Breve nota sobre  
a poesia pré-islâmica

Poemas Suspensos

Alberto Mussa

A poesia pré-islâmica, a rigor, pertence à literatura oral. Como as epopéias homéricas, como muitos livros da Bíblia hebraica, como os próprios poemas hoje recitados no deserto, os antigos beduínos concebiam versos sem o recurso da escrita, armazenavam esses textos na memória e os transmitiam oralmente a uma cadeia de recitadores que, ainda oralmente, os difundiam entre as outras tribos.

Embora o árabe já possuísse uma longa tradição epigráfica (mais de um milênio, considerando a antiga escrita do sul da península), só se pode falar propriamente em literatura árabe a partir da fixação escrita do Alcorão, após a morte do Profeta, em 632. E foram necessários cerca de cem anos para que os primeiros compiladores passassem a transcrever a poesia pré-islâmica, conforme recitada pelos beduínos.

### **Os poemas suspensos**

Entre as diversas coletâneas surgidas mais ou menos a partir de 750, atribui-se a Hammad al-Ráwiya (ou seja, Hammad, o recitador) a seleção de sete poemas pré-islâmicos de extensão mais longa, julgados excelentes. Essa antologia reunia os poemas de Imru al-Qays, Tárafa, Zuhayr, Antara, Amr, al-Háarith e Labid.

Guiado pelo mesmo espírito, Abu Zayd al-Qurachi preparou uma antologia bem maior — a *Jamhara al-Ashar al-Arab*, a “coleção dos poemas árabes”. Nela, a preciosa seleção de Hammad, que constituía um dos capítulos do livro, sofreu pequenas alterações,

com a exclusão do poema de al-Hárith (e, dependendo da versão, também do de Amr ou do de Ântara), para inclusão dos de al-Asha e Nábigha.

Finalmente, o filólogo al-Tibrizi reincorporou os excluídos e adicionou a peça de Abid al-Abras, completando o número mítico de dez.

Foi possivelmente na *Jamhara* que o conjunto recebeu primeiramente o nome de *al-muallaqat* ou “as suspensas”. A explicação desse título é um tanto lendária, mas dá a exata dimensão da importância desses textos para a cultura literária árabe.

Os beduínos costumavam fazer peregrinações a santuários dispersos por quase toda a península. Alguns eram muitos famosos, como o de Meca, onde se situava (a ainda se situa) a Caaba — grande pedra preta sobre a qual se construiu uma “casa” cúbica.

No mês da peregrinação a Meca acontecia a feira de Ukaz, onde havia concursos de poesia. Dez (ou sete) dentre os poemas premiados — e foram muitos — receberam uma honra especial, superior mesmo, ao serem bordados com fios de ouro sobre um manto de púrpura e exibidos sobre a Caaba.

Embora hoje não se acredite mais nessa lenda, poucos críticos deixariam de considerar essa antologia — a dos *poemas suspensos* da Caaba — como o principal modelo de poesia pré-islâmica que a tradição conseguiu conservar.

## Época de composição

Alguns estudos sobre populações beduínas contemporâneas revelam que muitos poemas, compostos em circunstâncias históricas identificáveis, permanecem na lembrança dos “recitadores” por cem, duzentos, às vezes trezentos anos.

Não há motivo para se imaginar que tenha sido diferente no

passado. Os Poemas Suspensos, coligidos no século oitavo, são certamente criações do século sexto, sendo que dois deles (os de Imru al-Qays e Abid al-Abras) poderiam remontar às últimas décadas do século quinto; e outros dois (os de al-Asha e Labid) talvez pertençam aos primeiros vinte anos do século sétimo.

O que nos permite ter essa certeza relativa é o caráter circunstancial dessas composições. Embora contivessem diversas seções e abordassem temas bem variados, de certa forma independentes, os poemas eram em geral compostos para um ouvinte particular (um inimigo, um aliado, uma personalidade que se quer louvar ou ridicularizar) e faziam referência a fatos que um conjunto de documentos históricos permite datar.

## A forma

Os Poemas Suspensos pertencem a um gênero ou, mais propriamente, a uma forma poética denominada *cassida*, caracterizada por uma sucessão ininterrupta de versos de dois hemistíquios que seguem uma única rima e um único metro. *Cassida* significa “partida ao meio”; precisamente pela obrigatoriedade do verso de dois hemistíquios, que a distingue de um gênero “menor” conhecido por *rajaz*, composto em versos unitários cujo ritmo corresponde ao andar dos camelos.

Sendo o árabe uma língua que distingue vogais longas e breves, a versificação árabe tem por fundamento o pé, que reúne uma combinação particular de sílabas breves e longas, como na métrica do latim e do grego clássicos.

Há dezesseis metros básicos, que, com as variantes, somam mais de sessenta tipos. Há o verso “longo”, o “perfeito”, o “simples”, o “abundante”, o “cantarolado”, o “leve”, o “largo”, o “abreviado”, o “rápido”, o “apressado” e outros mais.

Apenas para exemplificar, o metro “perfeito” possui um único pé — duas breves, uma longa, uma breve, uma longa — repetido três vezes em cada hemistíquio; já o “simples” combina três outros tipos de pé, sendo quatro pés por hemistíquio.

As rimas, no entanto, em função das características morfológicas do árabe, oferecem poucas possibilidades. O árabe clássico distingue três casos, que são marcados pelas vogais finais *a*, *i* e *u*. Os verbos têm aspectos também identificados por essas mesmas vogais. Quando uma palavra não tem marca morfológica vocálica, após a pausa insere-se uma vogal eufônica (geralmente *î*). As rimas, assim (salvo raras exceções de rimas complexas, como no caso do poema de Labid), resultam da combinação das vinte e oito consoantes da língua com essas três vogais.

Alguns críticos ocidentais disseram ser fácil rimar em árabe. Não chega a ser uma afirmação falsa. Mas ela esconde uma dificuldade importante: o fato de a terminação vocálica estabelecer o caso nominal ou o aspecto verbal impõe uma série de limitações sintáticas que só os bons poetas conseguem enfrentar sem cair na repetição enfadonha de um mesmo padrão frasal.

Além disso, não se deve esquecer que as cassidas exigem sempre *uma única rima e um único metro*, o que basta para dificultar a composição de textos que vão de cinquenta a cento e dez versos. Há ainda um sem-número de processos rítmicos, como aliteraões, assonâncias, paralelismos semânticos, sintáticos e morfológicos, que só podem ser percebidos na leitura dos originais.

## Os temas

A cassida propriamente dita é formada pela justaposição de peças ou unidades de tema independente. Os filólogos árabes que compilaram e comentaram a poesia pré-islâmica reconhecem, no tipo

de cassida em que se inserem os Poemas Suspensos, três grandes grupos temáticos: a introdução erótica ou amorosa, em que o poeta chega às ruínas do acampamento abandonado pela tribo da amada e começa a recordá-la; a seção intermediária, que narra uma viagem pelo deserto e descreve um cavalo ou uma camela; e o assunto principal, que consiste na mensagem ao destinatário do poema, seja essa uma invectiva ou sátira contra o inimigo, seja o elogio de uma celebridade ou de um patrono. Invariavelmente, os poetas mesclam a esse último tema a exaltação da tribo e de seus próprios méritos, ao que aliás dedicam muito mais espaço.

Essa estrutura, todavia, nem sempre é perfeita. Em alguns poemas, por exemplo, se introduzem versos de caráter sapiencial. Outros, como os de Imru al-Qays e Abid al-Abras, simplesmente não dispõem da terceira parte. Esse caso é particularmente interessante porque se trata dos textos mais antigos da coletânea — o que parece indicar que a estrutura tripartida representava uma inovação.

Os Poemas Suspensos, como as cassidas em geral, falam da mulher que o beduíno ama; da natureza que o cerca; das coisas que lhe são mais caras: a camela e o cavalo; dos prazeres da vida: a caçada, o jogo, o vinho; das qualidades essenciais do homem: generosidade, coragem, lealdade, sabedoria.

Embora não estejam presentes em todos os poemas, esses motivos se repetem e sucedem com bastante regularidade. Não há, portanto, liberdade temática — e nisso consiste uma das diferenças mais marcantes entre a poesia pré-islâmica e a lírica ocidental.

## O estilo

Os poemas pré-islâmicos foram compostos na língua que hoje se denomina “árabe clássico”. Na verdade, tratava-se já naquela época de um idioma formal, um pouco diferente dos mais ou menos va-

riados dialetos tribais. Era, assim, uma espécie de dialeto-padrão, utilizado nas ocasiões solenes e na composição de gêneros nobres, como a poesia.

A característica básica da poesia pré-islâmica é a concisão. Cada verso deve corresponder a uma unidade sintática completa, ainda que ligada aos versos precedente ou subsequente. Todas as demais figuras de discurso ou de linguagem se subordinam a esse traço.

Freqüentemente, as coisas são nomeadas por epítetos: uns convencionais, outros não. Por exemplo, “a cansada e magra” designa a camela que viajou por muito tempo; “o de pêlo negro” indica o cavalo; “a de orelhas cortadas”, a avestruz; e assim sucessivamente. Certos epítetos ou perífrases funcionam como uma espécie de adivinha, que exige do ouvinte (ou leitor) um conhecimento profundo do universo representado nos poemas, para poder interagir com o poeta e perceber a imagem. Esse mesmo conhecimento é necessário para a compreensão das muitas elipses.

Outro aspecto marcante é o emprego sistemático de metáforas, que por vezes vão se desdobrando em outras, numa cadeia longa, parecendo ter havido uma mudança brusca de assunto.

É uma estética muito diferente da nossa. Há uma nítida preferência pela descrição, pela comparação e pela alusão; da beleza e da propriedade das imagens empregadas nesses processos é que advém, essencialmente, o valor dos poemas.

## O sentido

É fácil perceber que a poesia pré-islâmica não se enquadra nos gêneros canônicos da literatura ocidental. Não chega a ser lírica, porque não é uma expressão pura de estados de espírito. E nem épica, porque não há narração propriamente dita.

A cassida é, basicamente, uma afirmação da nobreza de caráter do poeta, um arrolamento de atitudes e qualidades que a comprovam, segundo um código de honra pelo qual se mede o valor da pessoa.

O elemento fundamental dessa espécie de código é a *murua*, termo que se costuma imprecisamente traduzir por “virilidade”, e que tem conexões etimológicas com os verbos “ser saudável; ser bom, útil para”, “ter traços femininos”, “ter qualidades viris”. Dessa mesma raiz derivam igualmente os substantivos “homem” e “mulher”.

O conceito, portanto, tange a idéia de plenitude e perfeição do gênero humano; e compreende, em síntese, a capacidade de suportar as hostilidades do deserto, de enfrentar e derrotar os inimigos, de ser capaz de garantir a sobrevivência coletiva. Na poesia, a *murua* é normalmente afirmada por atos de bravura e ousadia, pela vitória nas guerras, pela lealdade incondicional à tribo, pela obstinação em vingar o sangue dos parentes, pelo estoicismo diante do afastamento da mulher amada, pelo esbanjamento da riqueza, pelo sacrifício de bens essenciais à vida.

O beduíno árabe se considera superior às demais espécies de homem, porque é só no seu mundo inóspito e hostil que se pode alcançar a plenitude da *murua*. Por isso ele é o mais perfeito, o mais nobre, o mais bonito, o mais forte, o mais capaz, o mais livre, o mais feliz.

## Poesia e biografia

Um dos aspectos mais importantes da poesia pré-islâmica é sua natureza circunstancial. Os poemas beduínos não eram obra de ficção — ou ao menos não eram entendidos como tal. Tudo neles corresponde a lugares e pessoas concretos, a experiências vividas, a sentimentos reais.

Os poetas não eram criaturas comuns. O talento poético provinha de sua capacidade de receber inspiração dos gênios. Também não possuíam a natureza por vezes subalterna dos rapsodos ou griôs. Eram eles homens magníficos, heróis dos seus poemas, a despeito de quem fosse o destinatário formal. Não bastava recitar versos: era necessário ter vivido o que se recitava.

Isso explica as inúmeras passagens aparentemente obscuras desses textos. Trata-se de alusões a fatos reais, da vida dos poetas ou da crônica tribal, conhecidos pelos contemporâneos e transmitidos pela tradição. Essas narrativas eram um conjunto de anedotas de feição lapidar, situadas na fronteira entre a história e a lenda, senão o mito.

Esse caráter superior tinha um reconhecimento sócio. O surgimento de um poeta no seio de uma tribo era um acontecimento auspicioso, que ensejava festas e mais festas. Eram eles desobrigados de pagar o dote das noivas, coisa de que não se dispensavam os príncipes. E eram especialmente temidos pelos grandes emires, que muitas vezes se viam constrangidos a agir em função de um poema, como no caso do Poema Suspenso de Nábigha, ou mesmo em função de um poema que não se chegou a recitar, como numa das anedotas sobre al-Asha.

Não é certamente por acaso ser quase impossível identificar um nome memorável na história beduína a quem não se atribua um poema, muito provavelmente associado a algum episódio biográfico. No dizer deles mesmos, a poesia era o “arquivo” que registrava os “dias” dos árabes, a única fonte legítima da história.

## Os poetas

Todo gênero literário possui um conjunto de normas e convenções que o definem. No entanto, já se disse que as convenções da poesia

pré-islâmica — particularmente a abordagem obrigatória de temas predeterminados — tiram dos poetas toda liberdade criativa, reduzindo o poema a um mosaico de estereótipos.

Pode-se de fato ter a falsa impressão de que todos esses textos falam da mesma maneira sobre a mesma coisa. É uma afirmação superficialmente verdadeira.

Uma cassida pré-islâmica é uma variação sobre um esquema teórico preconcebido. O poeta pode não escolher o tema de que vai tratar, mas pode estabelecer um modo. E é justamente no detalhe, no tratamento singular de um motivo culturalmente “padronizado”, nos mínimos desvios do uso convencional, que eles se individualizam, fazendo de cada peça uma composição original. É importante, inclusive, compará-las, porque muitas vezes o sentido preciso, o impacto estético de uma imagem, sobressai do contraste.

Lidos com atenção, os Poemas Suspenso tornam-se muito diferentes entre si. Em cada um deles percebe-se o contorno específico da personalidade do poeta: a licenciosidade de Imru al-Qays, a sabedoria de Zuhayr, o nihilismo de Abid, a arrogância de Amr, o pragmatismo de al-Hárith, o hedonismo de Tárafa, a ferocidade de Ântara, a ironia de al-Asha, a astúcia de Nábigha, o esteticismo de Labid.

Não obstante, a poesia pré-islâmica não pode ser completamente apreciada sem se levar em conta que estamos diante de um fenômeno muito particular, talvez único na história das literaturas antigas — produto que é de uma sociedade tribal de pastores nômades, do tipo que em regra só se consegue compreender com o auxílio de antropólogos.

Conhecer esses poetas beduínos, a singularidade de cada um deles contraposta à ética altamente codificada da sociedade tribal árabe de mil e quinhentos anos atrás, é uma experiência única, incomparável, fundamental.

